

# CONCEPÇÕES SOBRE A HISTÓRIA NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO (1971 -1989)

Danillo Rangell Pinheiro Pereira \*

## Introdução

A Teologia da Libertação foi objeto de vários debates nos anos 70 e 80 do século XX. Durante décadas, ela foi um instrumento intelectual que incentivou milhares de cristãos em lutas pela cidadania na América Latina e no Brasil. Seu diálogo com a Filosofia e Ciências Sociais como a Economia, Sociologia e História foi significativo. Alguns de seus principais elaboradores costumam afirmar que suas compreensões teológicas são ao mesmo tempo, o resultado de uma práxis anterior e uma reflexão sobre ela. (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a, 1985b, 1986; GALILEIA, 1985; GUTIERREZ, 1985).

A práxis anterior que os teólogos da libertação se referiram foi a expressão de um amplo movimento social surgido no início dos anos 60, bem antes de suas primeiras obras. Tal evento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (juventude universitária cristã, jovens trabalhadores cristãos), intervenções pastorais de base popular (pastoral operária, camponesa, urbana) e as comunidades eclesiais de base<sup>1</sup>. Sem a prática desse movimento não se pode compreender fenômenos sociais e históricos tão importantes quanto a escalada da revolução na América Central ou a emergência de um vasto movimento operário no Brasil.(Cf. LOWY, 1992, p. 25-26).

No aspecto da produção intelectual a teologia da libertação foi também um conjunto de textos produzidos a partir de 1970 por intelectuais protestantes e católicos latino americanos, tais como Gustavo Gutierrez (Peru), Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mestres, Leonardo, Clodovis Boff e Frei Betto, (Brasil), Jon Sobrinho, Ignacio Ellacuria (El Salvador), Segundo Galiléia, Ronaldo Munoz (Chile), Pablo Richard (Chile e Costa Rica), José Miguez Bonino, Juan Carlos Scannone, Rubem Dri (Argentina), Enrique Dusell (Argentina, México), Juan Luis Segundo (Uruguai), Samuel Silva Gotay (Porto Rico), para mencionar apenas os mais conhecidos que tinha como principal intenção

refletir sobre a relação entre fé e vida, evangelho e justiça social. (DUSSEL, 1996; LOWY, 2000).

A presente reflexão tem por meta entender e discutir algumas das principais elaborações intelectuais da Teologia da Libertação. Limita-se a discussão de textos escritos por dois intelectuais católicos Leonardo Boff e seu irmão Clodovis Boff. A partir da leitura de suas principais obras pretende-se perceber as concepções de História formuladas por esses teólogos. Na análise destes trabalhos a intenção é debater o que significa para os sujeitos investigados na pesquisa tanto a história enquanto processo como também o valor do conhecimento histórico para eles. Pergunta-se também sobre a relevância deste conteúdo para a Historiografia da Igreja Católica no Brasil nos anos 70 e 80 do século XX.

Parti-se de uma definição de História como referente às atitudes que pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo, as práticas discursivas produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; como formas diferenciadas de apropriação da cultura e interpretação da realidade pelos diversos sujeitos. (Cf. CHARTIER, 1990, p. 27-28). Buscando uma melhor capacidade analítica foram aplicados os conceitos de representação<sup>2</sup> e apropriação<sup>3</sup> também formulados por Chartier. As construções teóricas são tomadas como um entendimento momentâneo do objeto estudado (discurso dos intelectuais católicos analisados) e não como determinação do real (KHOURY; et al, 2002). A reelaboração do discurso religioso presente nas fontes avaliadas e sua relação dialógica com formulações filosóficas e científicas do mundo ocidental foi relacionada à definição de apropriação também retirada das formulações de Chartier. A utilização de tais instrumentos é pertinente, pois, pretende-se avaliar que relações foram estabelecidas entre o conhecimento religioso<sup>4</sup> baseado na tradição cristã e o científico para demonstrar e entender a realidade. Não há nesta tarefa intenções de provar a supremacia de um saber sobre o outro, mas sim, de refletir a relação entre eles.

## **O surgimento da Teologia da Libertação**

O cristianismo da libertação, movimento do qual a Teologia da Libertação é uma expressão particular, surgiu em um contexto de efervescência social, principalmente na América Latina. Em meados do século passado ainda prevalecia à hegemonia de governos populistas, estes incentivaram a consciência nacional, basicamente disseminada como uma ideia de nação corporativa, seguida de um significativo desenvolvimento industrial. Tal

fato beneficiou as burguesias nacionais e parte das populações das cidades, mas lançou nas favelas dos grandes centros urbanos uma significativa massa de ex- camponeses migrantes. Com a falência do Getulismo no Brasil ainda na década de 50, parte da elite burguesa nacional se associou mais radicalmente ao capital internacional, promovendo um “desenvolvimento” nos moldes do capitalismo dependente aprofundando as contradições sociais. Isto estimulou fortes mobilizações populares que reivindicaram transformações profundas na estrutura vigente, o exemplo da revolução socialista de Cuba reforçou esses protestos e incentivou as utopias pelo socialismo.

No cenário intelectual o aparecimento de teologias européias que passam a se preocupar com as realidades terrestres como o humanismo de J. Maritan, o personalismo social de E. Mounier, o evolucionismo progressista de P. T. de Chardin, a reflexão social dos dogmas, de H. Lubac, a teologia dos leigos de Y Cougar e do trabalho de M.D. Chenu sustentaram teoricamente as práticas de vários cristãos, sobretudo de classes médias junto aos movimentos populares. Grupos ligados a ação católica com a JOC (Juventude operária católica), JUC (juventude Universitária Católica), entre outros foram influenciados por esses intelectuais.

O Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e sua proposta de abertura da Igreja católica ao diálogo com os problemas do mundo moderno forneceu uma interessante justificativa teórica para práticas elaboradas sob o signo de uma teologia do progresso, da autêntica secularização e da promoção humana. Isso proporcionou certa democratização no cenário teológico, o que possibilitou ousadia e criatividade por parte de alguns teólogos que passaram a refletir sobre as questões pastorais de suas comunidades, isso tanto do lado católico como do protestante. Em Instituições como o ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina) teólogos como Gustavo Gutierrez, Segundo Galileia, Juan Luis Segundo, entre outros do lado católico. No meio protestante, Júlio Santa Ana, Rubem Alves e José Miguez Bonino começaram mediante frequentes encontros, a aprofundar as reflexões entre fé e pobreza, evangelho e justiça social (Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1986, p. 97).

A falência do modelo populista e suas propostas desenvolvimentistas criou circunstâncias sociais propícias à elaboração de novas interpretações e teorias sobre a situação da América Latina. Verificou-se então a erupção de um pensamento sociológico,

elaborado por expressivos teóricos. Entre eles estavam Fernando Henrique Cardoso, Francisco weffort, O. Sunkel, A. Quinjano, T. dos Santos, Hinkelammert, A Grunder Frank, H. Magadoff, CH. Pailoix, M. Sweezi; que refletiam sobre as principais causas do subdesenvolvimento. Estes pesquisadores chegaram a conclusão que os países ocidentais se encontram dentro de um mesmo processo de desenvolvimento, entretanto, este é desigual e associado, fazendo com que os benefícios dele passem aos países desenvolvidos e centrais e os malefícios sejam tributados aos países historicamente “atrasados”, “subdesenvolvidos” e periféricos. A pobreza do terceiro mundo é o preço a ser pago para que o primeiro mundo possa desfrutar da abundância. A teoria da dependência deu substância teórica e incentivo para os teólogos produzirem um pensamento teológico, crítico e reflexivo, onde ideias como ruptura e libertação tornaram-se temáticas principais. (Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1986, p. 95-96).

Com os novos cenários criados pelos movimentos sociais e revoluções da década de 60, o Neotomismo vertente hegemônica da Teologia católica do período, foi novamente abalado e surgiram outras correntes de pensamento no seio da Igreja Católica, dentre elas a Teologia da Libertação. Esta se tratou de um conhecimento que se concretizou no espírito de renovação teológica iniciada pelo concílio Vaticano II e foi aprofundado nas conferencias episcopais latino americanas de Medelín (1968) e Puebla dez anos mais tarde. Com esta renovação, a Teologia não foi apresentada somente como uma reflexão crítica sobre a palavra de Deus contida nas escrituras cristãs, mas também manifestada no evento histórico de ontem, hoje, do aqui e agora. (Cf. BORDIN, 1987, p. 162).

Ainda que existam diferenças significativas entre os teólogos da libertação, podemos identificar algumas características que são comuns à maioria deles, tanto católicos, que é o que nos propomos refletir, como protestantes. São elas: um implacável requisitório moral e social contra o capitalismo dependente, seja como sistema injusto, seja como forma de pecado estrutural. A utilização de um instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas de luta de classes. Uma opção preferencial pelos pobres e da solidariedade com sua luta pela autolibertação. O desenvolvimento de Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) entre os pobres como uma nova forma de igreja e como alternativa ao modelo de vida individualista imposto pelo sistema capitalista. Uma nova leitura da bíblia, voltada principalmente para

passagens como êxodo, paradigma da luta de libertação de um povo, os livros dos profetas, os evangelhos, dentre outros.

É bem pertinente também, o elemento profético de luta contra a idolatria (e não ateísmo), como inimigo principal da religião; isto é contra os novos ídolos da morte, adotados pelos novos Faraós, Césares, Herodes e Mamons. São eles: a riqueza, o poder, a segurança nacional, o Estado, a força militar, a civilização cristã ocidental. Contra esses elementos modernos da idolatria, os teólogos pregam a libertação humana, histórica como antecipação da salvação final em Cristo, como reino de Deus. Essa crença é reforçada por uma crítica pertinente a teologia dualista tradicional como produto da filosofia platônica grega e não da tradição bíblica – nas quais as histórias humana e divina são distintas, mais inseparáveis (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a, 1985b, 1986; BORDIN, 1987; LOWY, 1991, 2000a).

A Teologia da Libertação não é um movimento homogêneo e seu discurso está longe de ser hegemônico dentro da Igreja Católica<sup>5</sup>. Mesmo assim foi significativa adesão de segmentos importantes da instituição a seus princípios. No Brasil dos anos 70 após uma fase de apoio ao golpe militar de 1964, a posição oficial da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) mudou. A Igreja Católica deste país se tornou uma das maiores opositoras do regime autoritário. Engajou na luta pelo respeito aos direitos humanos, deu apoio a greves em São Paulo emprestando seu espaço para reunião de sindicalistas e denunciou as injustiças no campo principalmente no Amazonas e no nordeste. (MAIWARING, 1989, p. 117). Bispos como D. Helder Câmara, D. Aloísio Lorscheider, D. Pedro Casaldáliga, D. José Maria Pires, dentre outros foram simpáticos a Teologia da Libertação e engajados na luta em favor dos pobres. Junto com os agentes pastorais e vários intelectuais estes bispos foram incentivadores do crescimento das Comunidades Eclesiais de Base.

É bastante ampla a literatura sobre a Teologia da libertação, nos limitaremos aqui a um breve comentário sobre o assunto. O filósofo Luigi Bordin publicou uma tese de doutorado com o título *Marxismo e Teologia da Libertação*, nela foi feita uma contextualização do surgimento do movimento, sua relação com a Filosofia e Ciências Sociais, com o marxismo, a influência exercida por ele na América Latina e no Brasil (BORDIN, 1987). Reflexões semelhantes foram feitas pelo sociólogo Michael Lowy em

um livro como o mesmo título de Bordin, (LOWY, 1991) completada por um estudo mais pormenorizado em a *Guerra dos Deuses. Religião e política na América Latina* (LOWY, 2000). Zilda Grícoli Iokoi em *Igreja e Camponeses Teologia da Libertação e Movimentos sociais no Campo Brasil e Peru, 1964-1986* (IOKOI,1996) discutiu vários movimentos de camponeses nestes dois países influenciados pela Teologia da Libertação e seus conflitos com latifundiários e agentes do capitalismo.

Outras obras como as de João Francisco Regis de Moraes *Os Bispos e a Política no Brasil* (MORAIS, 1982) e Scott Mainwaring *A Igreja Católica e a política no Brasil* (MAIWARING, 1989) deixaram um pouco de lado o rigor teórico das produções teológicas e se propuseram a expor mais detalhadamente a trajetória da igreja “popular” no Brasil. Há também produções mais singulares que pensam a apropriação das teses da Teologia da Libertação por grupos específicos. Este é o caso do trabalho de Iraneidson Santos Costa *Que Papo é esse? Intelectuais Religiosos e Classes Exploradas no Brasil 1974-1985*. (COSTA, 2007) que faz uma avaliação do Papo (Grupo de intelectuais jesuítas) e sua relação com as classes populares no Brasil.

Há nível de Nordeste temos pesquisas como as de Rosa Maria Viana Pereira *o Papel da Igreja na Resistência de Sobradinho* (PEREIRA, 1988) e Margarete Pereira da Silva “*Não Tenho Paciência Histórica*” *A Igreja Popular em Juazeiro (BA), 1962-1982* (SILVA, 2002) que avaliaram a atuação do Bispo de Juazeiro D. José Rodrigues contra a modernização excludente imposta pelo Estado militar, inimigo de parte da população do território que foi inundado pela barragem de Sobradinho; Marcos Roberto Brito dos Santos *Os Missionários do Campo e a Caminhada dos pobres no Nordeste* (SANTOS, 2007) que reflete as atuações de religiosos ligados ao seminário Rural na Paraíba, seu apoio aos pobres em conflitos contra as elites rurais e Grimaldo Carneiro Zachariadhes *CEAS: Jesuítas e a Questão Social durante a Ditadura Militar* ( ZACHARIADHES, 2007) que estuda a atuação do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) fundado por intelectuais jesuítas que se posicionaram contra o Estado autoritário imposto pela ditadura militar.

Os trabalhos citados fazem várias referências às bases intelectuais que serviram de orientação para as ações de vários seguimentos ligados a Igreja Católica e sua atuação na sociedade latino-americana e brasileira. A presente pesquisa em curso valoriza de maneira específica o estudo das bases intelectuais do discurso dos teólogos da libertação e seu

diálogo com Ciências Sociais. As discussões sobre as concepções de História fazem parte da reflexão deste artigo.

### **As concepções de história na Teologia da Libertação**

O porto-riquenho Samuel Silva Gotay publicou um trabalho com o título: *o Pensamento Cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)*, nele o autor dá uma significativa atenção às reflexões entre Teologia da Libertação e Ciências Sociais. Pontuando sobre as concepções de História presentes na antiga cultura hebraica, Gotay encontrou uma semelhança entre os profetas hebreus e os teólogos chamados progressistas da segunda metade do século XX. Percebeu no continente Latino americano um cristianismo revolucionário que conseguiu convergir uma ligação entre fé cristã e pensamento revolucionário ou cristianismo e marxismo como resultado de sua prática e reflexão teórica. (GOTAY, 1985).

Estudiosos da Teologia da Libertação como Gotay, Lowy, Bordin, Iokoi, afirmaram que os Teólogos deste movimento superaram as concepções idealistas que postulam a preexistência de essências universais dos processos históricos e impõem o *status quo* desconsiderando a complexidade da própria História. Para eles não há uma separação entre uma História secular e outra divina da salvação. Estes intelectuais trazem uma leitura das escrituras cristãs contrárias às tendências herdadas da tradição grega e neoplatônica de conceber deuses a-históricos e manipuladores dos homens. (BORDIN, 1987; GOTAY 1985; IOKOI, 1996; LOWY, 1991, 2000a).

Afirmações similares podem ser percebidas no trabalho católico pioneiro sobre Teologia da Libertação na América Latina. Em partes significativas de seu livro *teologia da libertação, perspectivas*, Gustavo Gutierrez indica, a emergência de uma nova consciência latino-americana e seu reflexo na consciência cristã. Primeiramente ele aborda o problema da libertação dentro de uma perspectiva geral, mostrando como na cultura moderna, sobretudo por mérito de Hegel e Marx, se originou uma concepção da história como processo de libertação do homem. No decorrer da discussão descreve o problema da libertação dentro do processo latino americano, delineando a origem da nova consciência e mostrando de maneira objetiva e documentada, ou seja, sintonizada com as publicações de pesquisas científicas a passagem da perspectiva desenvolvimentista à teoria da dependência. Conclusões tiradas sobre a situação de dependência levam Gutierrez a afirmar, que o desenvolvimento autônomo latino americano é inviável dentro do sistema

capitalista internacional. Ao descrever essa situação Gutierrez constata que a Teologia da Libertação é uma Teologia que assume o processo revolucionário de libertação dos pobres, como principal tema da reflexão teológica (Cf. GUTIERREZ, 1985, p. 18-54).

As denúncias proféticas de Gutierrez convergem com uma das teses defendidas no trabalho de Samuel da Silva Gotay. Segundo ele o cristianismo revolucionário da Teologia da Libertação afirma a História real como única esfera da realidade, onde se dá a salvação como um processo de libertação em três dimensões. A libertação sócio -econômica que se consegue mediante um processo político, a formação do homem novo que se dá no processo da revolução cultural, a qual é essencial a primeira revolução e por ultimo a libertação do pecado naquilo que será a plenitude do reino de Deus e do homem novo (Cf. GOTAY, 1985, p. 285).

Conclusões semelhantes podem ser encontradas ao examinar os escritos dos Teólogos da Libertação Leonardo Boff e seu irmão Clodovis Boff. Para eles:

A grande inspiração que preside a tarefa da Teologia da libertação é articular corretamente a libertação (social) com e sobre a salvação, a práxis com e sobre a fé. A teologia da libertação entende realizar uma ponte entre o mistério de Deus e a História dos homens. Pois não basta conhecer a verdade da fé é preciso ainda desenvolver o significado humano e histórico desta fé. (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985 b, p.30).

O fragmento nos faz perceber que entre as prioridades da Teologia da Libertação propostas por esses dois intelectuais, esta a intenção de mostrar que a chegada do reino de Deus anunciado aos cristãos não pode ser alcançada apenas na alma (dimensão pessoal), nem somente no céu (dimensão trans-histórica), mas também nas relações entre os homens em projetos que dependem do esforço social e das libertações históricas. (Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a, 54-55; 1985b, p.20). Dando continuidade as principais teses do livro pioneiro de Gustavo Gutierrez, os irmãos Boff levantam como um de seus principais questionamentos a seguinte problemática: o que representa Deus para um continente pobre como a América Latina? (Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a; p. 11-12; 1985b, p.30, 1986, p. 18-19). O Deus anunciado por Jesus se revela para os oprimidos como aquele que promove a justiça (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. 1985a, 1985b, 1986). Entretanto os debates de Puebla nos esclarecem uma preocupante denuncia sobre a situação do continente:



A realidade miserável revela duas faces: a das angústias por causa da fome, enfermidades, analfabetismo, miséria, injustiças.. (Puebla 26) e das esperanças por libertação, participação e comunhão (Puebla 24). Constata-se uma divisão entre ricos e pobres que é tanto mais dolorosa quando sabemos que uns e outros professam a mesma fé crista”. “A primeira reação daquele que se orienta pela fé cristã é de protesto: isso não pode ser! Não agrada à Deus! Dizem os bispos em Puebla: à luz da fé vemos a distância crescente entre ricos e pobres como um escândalo e uma contradição com o ser cristão. O luxo de uma minoria constitui-se um insulto à miséria das grandes massas. Essa situação é contrária ao desígnio do criador e à honra a ela devida (Puebla). (BOFF Clodovis; BOFF Leonardo,1985a, p.12-13).

A situação descrita revela uma América Latina distante do projeto do Deus cristão que anuncia como fim escatológico uma humanidade em comunhão (BOFF, Leonardo, p. 157-158). A constatação desta realidade pelos teólogos não é resultado somente de intuições ou deduções teológicas, mas de uma relação de diálogo com as ciências sociais. Para isso são feitas algumas mediações básicas. São elas a sócio-analítica e hermenêutica. A primeira propicia a análise científica que decodifica a realidade. As ciências do social são um instrumental fundamental para esta tarefa, pois segundo estes teólogos com a ajuda delas é possível se alcançar uma visão mais ampla da sociedade e identificar os mecanismos produtores das desigualdades sócio econômicas. (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a,1985b, 1986; BOFF, Clodovis, 1993).

Para escolha de uma teoria social com instrumental adequado, existem duas ordens de critérios: estes são chamados por seus elaboradores de científicos e éticos. De acordo com os científicos, deve-se escolher a teoria que seja mais explicativa; com os éticos, a que corresponde aos valores que parecem mais adequados em face o projeto de vida e a própria opção política dos cristãos.

"a opção pelos pobres em si não garante a qualidade da análise. Esta tem de ser feita com a utilização de um instrumental adequado a mostrar principalmente os mecanismos geradores da pobreza e os caminhos que levam a uma libertação”. (BOFF Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985a, p. 50-51).

Na medida em que partem de uma opção pelos pobres e pelas classes excluídas os intelectuais em análise acham coerente e mais adequado, o uso da teoria marxista. Antes de admitirem tal escolha, os irmãos Boff fazem uma crítica as posições empiristas e funcionalistas (BOFF Clodovis; BOFF Leonardo, 1985a, p. 13-17, 1986, p. 42-43). e

defendem o estruturalismo dialético de vertente marxista, com a afirmação: "A teologia da libertação arranca desse tipo de realidade social, a crítica radical e dialético-estruturalista. É esta análise que faz ver os mecanismos permanentes produtores de pobreza e marginalização". (BOFF Clodovis; BOFF Leonardo, 1985a, p.17).

Após a análise científica da realidade, os Teólogos cumprem o segundo estágio o de interpretá-la teologicamente, isto é a luz da fé e dos textos considerados sagrados pelos cristãos. Efetiva-se assim a mediação hermenêutica. Esta se refere:

"(...) a positividade cristã, isto é, ao aspecto objetivo (dogmático histórico) da fé, vinculado á ordem do "dado", do que está "posto aí". Ora tal positividade não plina no ar, de modo abstrato. Ela se encontra inscrita, testemunhada, traduzida e deposta no conjunto dos escritos canônicos da comunidade eclesial: São as escrituras cristãs. O grupo de textos canônicos que tem um alcance frontal porque é fonte de todos os outros, é o conjunto dos escritos do antigo e novo testamentos. (..)" (BOFF, Clodovis. 1993, p. 238).

Esses textos da fé no processo da hermenêutica são submetidos a um trabalho de interpretação pelo fato que seu sentido não está literalmente explicito. O tempo, as distintas experiências das comunidades de fé causou entre elas uma distância. A operação de decifração que tenta vencer essa separação para se reapropriar do sentido originário da mensagem escrita chama-se hermenêutica. (Cf. BOFF, Clodovis, 1993, p.239). A mediação dos ensinamentos das escrituras cristãs com o contexto de uma determinada realidade sócio-histórica de opressão constatada pelas duas mediações a analítica e hermenêutica desperta sensibiliza nos sujeitos uma ação que trabalhe no sentido de mudar este estado de coisas, esta é considerada por estes dois teólogos da libertação como prática pastoral coerente com o projeto do Deus Cristão.

As mediações teológicas propostas pelos irmãos Boff com sua articulação dialética teoria (mediação sócio-analítica e hermenêutica) e práxis (prática pastoral em correspondência com a prática política) se apresenta como um discurso de prática política transformadora e revolucionária. Seguindo esta orientação os dois teólogos apresentam a pessoa de Jesus, de uma maneira não muito convencional para a maioria dos membros da ortodoxia da Igreja católica. São frequentes as afirmações que a encarnação de Jesus assumiu uma condição social bem determinada. A de pobre e trabalhador que em sua prática de profeta privilegiou esses pobres, deles se rodeou e com eles se identificou. (BOFF, Clodovis; BOFF Leonardo, 1985b, p.32-33). Jesus pregou o reino de Deus como

revolução absoluta e libertação integral, ou seja, na dimensão espiritual, mas também material (da fome, da doença, desprezo), dentro da História e para além da dela. (Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, 1985b, p. 33; 1986, p. 77-78). Nas palavras dos autores:

“O reino não permanece apenas como inaudita esperança; ele já se concretiza na prática de Jesus. Seus milagres e curas, além de documentarem a divindade de Jesus, visam mostrar que se anúncio libertador já se historiza entre os oprimidos, interlocutores privilegiados de sua pregação e primeiros beneficiários de sua prática. O reino é dom de Deus oferecido gratuitamente a todos. Mas se entra nele mediante o processo de conversão. A conversão exigida por Jesus não significa apenas uma mudança de convicções (teoria), mas principalmente uma troca de atitudes (prática) com referência a todas as relações pessoais, sociais e religiosas que a pessoa entretém”. (BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. 1986, p. 77-78).

A conversão prática para esses teólogos significa o engajamento na luta pela justiça na terra o não fechamento do homem sob si mesmo. Sobre essa alternativa Leonardo Boff escreveu:

Jesus não é o salvador universal de todos os homens por puro voluntarismo divino: é assim porque Deus simplesmente quis! Há uma razão mais profunda, cuja experiência podemos fazer e controlar. Experimentamos a profunda solidariedade que vigora entre todos os homens. Ninguém está só. A unidade da mesma e única humanidade só se explica adequadamente no horizonte desta solidariedade universal de origem e destino. Somos juntos solidários na convivência do mesmo cosmos material; somos solidários no mesmo processo biológico; somos juntos solidários na mesma história humana, história dos sucessos e fracassos, do amor e do ódio, das divisões violentas e do anseio de fraternidade universal, história do relacionamento para com um transcendente denominado Deus. Mercê desta radical e ontológica solidariedade somos todos responsáveis uns pelos outros na salvação e na perdição. O mandamento do amor ao próximo não foi dado para que social ou privadamente nos suportemos ou tenhamos uma vida mais agradável, mas é a proclamação da preocupação pela salvação de uns pelos outros e da possibilidade desta salvação de uns pelos outros. (BOFF, Leonardo, 1980, p. 159).

A salvação oferecida por Jesus aos homens depende deles e de sua capacidade de solidariedade com os seus semelhantes à consciência disto é verificável no evento histórico da existência de Jesus de Nazaré.

Neste caminho histórico do judeu Jesus de Nazaré ocorreu a máxima autocomunicação de Deus e a máxima revelação da abertura do homem. Esse ponto máximo alcançado pela história humana é irreversível e

escatológico, quer dizer, representa o termo da chegada do processo humano em direção a Deus. Deu-se a unidade, sem perda de identidade de nenhuma das partes, entre Deus e o homem. Esse ponto ômega significa a máxima hominização e também a plenitude e a libertação do homem. (BOFF, Leonardo, 1980, p. 160).

As teses da Teologia da Libertação, das quais os irmãos Boff são expressivos representantes, incorporou elementos de uma religião profética que fez uso do diálogo com disciplinas como Filosofia, Economia, Sociologia, História e outras disciplinas. Ofereceu aos cristãos engajados a perspectiva de uma Teologia crítica, reflexiva e de proposta revolucionária. Foi uma apropriação que viabilizou a grupos de cristãos engajados na luta política, a construção de concepções distintas da Teologia tradicional. Como no passado elas partem do princípio dogmático da fé, reafirmam os princípios dos evangelhos, mas, possibilitam também a colocação desta mesma crença em constante reflexão, de acordo com as circunstâncias históricas e sociais que vive a comunidade. É uma dialética aberta marcada por um finalismo: negar as estruturas desiguais da sociedade capitalista ou qualquer outro sistema social que prevaleça a exploração do homem pelo homem, ou seja, sistemas que dominam o ser humano ao invés de ser por ele ser controlado.

## **FONTES**

BOFF, Clodóvis; BOFF, Leonardo. **Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio históricas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Teologia da libertação no debate atual**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Como fazer Teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

## **BIBLIOGRAFIA**

BORDIN, Luigi. **Marxismo e Teologia da libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa, Portugal: Difel, 1990. p. 13-28.

COSTA, Iranedson Santos. **Que papo é esse? Intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil (1974 – 1985)**. Tese (Doutorado em História) UFBA. Salvador, 2007.

DURSEL, Enrique. Notas sobre a origem da Teologia da Libertação. IN: Bintencout, Fonet Raul (org.) **A teologia na História social da América Latina**. Vol. 3 São Leopoldo: Usinos. 1996, p. 261-287.

GALILÉIA, Segundo. **Teologia da libertação: ensaio de síntese**. Tradução Luis Antonio Miranda. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

GOTAY, Silva Samuel. **O Pensamento cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)**. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.

GUTIERREZ, Gustavo. **A força Histórica dos pobres**. Tradução Álvaro cunha. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Teologia da libertação: perspectivas**. Tradução Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOURTART, François. **Religião e modos de produção pré-capitalista**. Tradução Álvaro cunha. São Paulo: Paulinas, 1982.

IOKOI, Zilda Grícoli. **Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no campo Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: Hucitec FAPESP, 1996.

KHOURY, Yara Maria Aun; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha da; VIEIRA, Maria Pilar Araújo de. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2002.

LOWY, Michael. **Marxismo e Teologia da libertação**. Tradução Myrian Veras Baptista. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Guerra dos Deuses: Religião e política na América Latina**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil 1916–1985**. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MORAIS, João Francisco Regis de. **Os bispos e a política no Brasil: Pensamento social da CNBB**. São Paulo: Autores associados, 1982.

PEREIRA, D. R. P. Intelectuais Católicos e seus diálogos com as Ciências Sociais (1971-1989) In XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo: XXVI Simpósio nacional de História, 2011.[[http://WWW.snh2011.ampuh.org/resources/anais/14/1313014040\\_Arquivo\\_Danilloartigoparaampuh2.pdf](http://WWW.snh2011.ampuh.org/resources/anais/14/1313014040_Arquivo_Danilloartigoparaampuh2.pdf)]

\_\_\_\_\_. Jesus e Marx há um ponto de Convergência entre os dois Projetos Distintos? In: II Simpósio de História Regional e Local, 2011, Santo Antônio de Jesus: II Simpósio Regional de História Regional e Local, 2011. Material em Cd ROM.

PEREIRA, Rosa Maria Viana. **O papel da Igreja na resistência de Sobradinho**. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) UFBA. Salvador, 1988.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ: **Introduções sobre alguns aspectos da “teologia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1984. p.1-32.

SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. **Os missionários do campo e a caminhada dos pobres no nordeste**. Dissertação (Mestrado em História) UFBA. Salvador, 2007.

SILVA, Margareth Pereira. **“Não Tenho Paciência Histórica” A Igreja Popular em Juazeiro (BA) 1962 – 1982**. Dissertação (Mestrado em História) UFBA. Salvador, 2002.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **CEAS: jesuítas e a questão social durante a ditadura militar**. Dissertação (Mestrado em História) UFBA. Salvador, 2007.

## NOTAS

---

\*Mestrando em História Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, participante do CPR (Centro de pesquisas da Religião UEFS, bolsista da CAPES, Orientadora Prof. Doutora Elizete da Silva. Email – [Danillorangell@yahoo.com.br](mailto:Danillorangell@yahoo.com.br).

<sup>1</sup>Comunidades Eclesiais de Base. Estas podem ser entendidas como locais formados por grupos de fieis católicos onde são discutidos e refletidos temas religiosos, como também os problemas das comunidades e soluções para enfrentá-los. As decisões são tomadas coletivamente estimulando o desenvolvimento da democracia interna. (Cf. LOWY, 1991; 2000; MAIWARING, 1989; MORAIS, 1982).

<sup>2</sup> Para este autor, as representações do mundo social, construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Chartier ainda coloca que a investigação sobre este tema supõe sempre colocá-lo num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (Cf. CHARTIER, 1990. p.17).

<sup>3</sup>Apropriação para Chartier pode ser entendida como processos que concretamente determinam a produção de sentidos para determinados grupos sociais (Cf. CHARTIER, 1990 p. 27-28).

<sup>4</sup> É notável o peso que o referido conhecimento exerce. A religião influencia o universo das representações, intervém ao mesmo tempo na definição do sentido e na orientação das práticas, pode fornecer a explicação e a justificativa das relações sociais, as atitudes que podem reproduzi-las. Funciona também como força de protesto contra a preservação das relações sociais. (Cf. HOUTART, 1982, p.11-12).

<sup>5</sup>A cúria romana e o CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) demonstraram posições de oposição as propostas da Teologia da Libertação. A Principal delas foi o documento assinado pelo então Cardeal Ratzinger atual papa Bento XVI. O autor até considera a situação de miséria social do terceiro mundo como alarmante, mas chama logo a atenção de seus fieis contra o que ele considera desvios prejudiciais à fé cristã inerentes a certas formas de Teologias, estas utilizam de maneira insuficiente, críticas e conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista. Define a Teologia da libertação como limitada ao temporal e presa a uma concepção única de pecado como reflexo das estruturas. Condena a utilização de teorias sociais de conflito como a luta de classes, acusando os teólogos da libertação de insurgir os pobres contra os ricos estimulando o ódio e a violência entre os homens, sentimentos contrários às atitudes cristãs e da Igreja. (Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, 1984, p. 1-32).